

MANIFESTO DOS ESTUDANTES DE CÓRDOBA

AOS ESTUDANTES, HOMENS E MULHERES LIVRES DA AMÉRICA NO SÉCULO XXI¹

(MANIFESTO DE CÓRDOBA, 21 DE JUNHO DE 2008)

DENISE LEITE*

DA JUVENTUDE ARGENTINA DE CÓRDOBA DE 1918

Homens de uma República Livre, rompemos o último grilhão que, ao início do século 20, nos atava o pensamento. Não imaginem que isto tenha sido fácil para nós, jovens acostumados à dominação monárquica e monástica. Foi preciso falar mais alto e expressar em palavras e atos a vocação revolucionária da reforma.

Resolvemos chamar todas as coisas pelos nomes que têm. Córdoba se redimiu. A partir de então contamos para o país com uma vergonha a menos e uma liberdade a mais.

As dores que ficaram foram liberdades que faltaram. Acreditamos que não erramos, as ressonâncias do coração nos advertiram: estávamos pisando sobre uma revolução, estávamos vivendo uma hora americana.

A rebeldia que nos animava estalou em Córdoba e foi violenta porque os tiranos tinham muita soberba e era necessário apagar para sempre a lembrança dos contra-revolucionários de então.

As universidades haviam sido até então o refúgio secular dos medíocres, a renda dos ignorantes, a hospitalização segura dos inválidos e –o que é ainda pior– o lugar onde todas as formas de tirania e insensibilidade acharam a cátedra que as ditasse. As universidades chegaram a ser assim, fiel reflexo de sociedades decadentes que se empenhavam em oferecer o triste espetáculo de uma imobilidade senil.

O quadro em que vós hoje vos encontráis talvez pouco difira daquele.

A instituição que se chama universidade diversificou, ampliou, massificou e vemos que também abriga entendidos administradores de benefícios pessoais. Os donos do capital dela fazem um objeto de troca em operações de mercado, quando privada. E, sendo pública, dela fazem um usufruto particular camuflado

* Professora do Programa de Pos-Graduação em Educação da UFRGS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil.

pelas fundações de toda espécie. Estudantes consumidores nela procuram títulos e diplomas e orgulham-se em obtê-los em curto tempo, fazendo usufruto particular de um bem público inestimável. Esta universidade, que está no horizonte das legítimas aspirações sociais da juventude que a ela não tem acesso, está refletindo sociedades igualmente decadentes que se empenham em bem servir aos interesses de poucos em detrimento da maioria do demos.

Por isso é que a ciência e a extensão passam silenciosas frente a muitas dentre essas casas mudas e fechadas que querem intitular-se universidade e, quando nelas penetram, entram mutiladas e grotescas através de um mero estatuto de serviço burocrático. A ciência se faz pressionada pela captação de recursos privados, de empresas e de fundos setoriais que definem as regras da obtenção de resultados e os parâmetros de sua execução. A extensão se faz como um mero serviço de troca financeira em que a universidade disponibiliza o recurso públi-

co pertencente a muitos, de forma obsequiosa e obtém recurso que privatiza a poucos. Quando em momento fugaz a instituição abre suas portas aos altos espíritos é para arrepender-se logo e fazer-lhes impossível a vida em seu recinto e dificultar a procura da ciência com verdade e da extensão com dignidade e objetivo social.

Tal como em nossa época vós atualmente encontrais, dentro de semelhante regime, as forças naturais que levam a mediocrizar o ensino. Desta forma, o alargamento vital de organismos universitários não é o fruto do desenvolvimento orgânico, mas um alento para que mantenhamos a periodicidade revolucionária.

Nosso regime universitário – em 1918 – era anacrônico. Estava fundado sobre uma espécie de direito divino; o direito divino do professorado universitário. Acreditava em si mesmo. Nele nascia e nele morria. Mantinha uma distância olímpica dos estudantes.

Nosso grito atingiu a América, repercutiu nos movimentos de 1968 em nosso continente e no

continente europeu. A federação universitária de Córdoba se levantou para lutar contra o regime que havia e entendeu que nele se põe a vida. Reivindicou um governo estritamente democrático e sustentou para a comunidade universitária, a soberania, o direito de dar-se governo próprio.

O governo da universidade radica principalmente nos estudantes. Outras federações universitárias fundaram-se na América Latina. Em todas radicou o espírito de luta. Em todas elas os estudantes se insurgiram contra a opressão e a tirania de governos torpes. As lutas se estenderam para fora dos muros universitários e nós vimos com orgulho que parte daqueles movimentos carregou o espírito crítico que nos animou; parte daqueles movimentos forjou uma universidade de modelo latino-americano, crítica e comprometida com a sociedade.

O conceito de autoridade que corresponde e acompanha um diretor ou um professor em um espaço estudantil universitário não pode apoiar-se na força de disciplinas estranhas à substância mesma dos estudos. A autoridade, não se exercita mandando, mas compartilhando, sugerindo e amando: Ensinando.

Se não existe uma vinculação espiritual entre o que ensina e o que aprende, todo ensino é hostil e, por conseguinte, infecundo. Toda a educação é uma longa obra de amor aos que

aprendem. Fundar a garantia de uma paz fecunda no artigo combinatório de um regulamento ou de um estatuto é, em todo caso, amparar um regime de quartel, mas não um trabalho de ciência. Manter a relação obsoleta de governantes e governados é agitar o fermento de futuros transtornos. As almas dos jovens devem ser movidas por forças espirituais. Os meios já gastos da autoridade que emana da força não se conformam com o que reivindica o sentimento e o conceito moderno das universidades. O estalo do chicote só pode atestar o silêncio dos inconscientes e dos covardes. A única atitude silenciosa, que cabe em um instituto de ciência é a do que escuta uma verdade ou a do que experimenta para acreditar ou comprová-la.

Por isso quisemos arrancar na raiz do organismo universitário o arcaico e bárbaro, o conceito de autoridade que nas casas de estudo é um baluarte de absurda tirania. Conclamamos a todos e todas para que não contribuam para proteger criminalmente a falsa dignidade e a falsa competência. Agora advertimos que as recentes reformas, conhecidas como reformas dos anos 90, foram sinceramente neoliberais. Guardam similitudes com aquela que foi trazida à Universidade de Córdoba. Ela não inaugurou uma democracia universitária; sancionou o predomínio de uma casta de professores. Os

interesses criados em torno dos medíocres encontraram nela um inesperado apoio.

Nos acusaram de insurretos em nome de uma ordem que não discutimos e que nada tinha a ver ou fazer conosco. Se assim foi, se em nome da ordem quiseram continuar nos enganando e embrutecendo, proclamamos bem alto o direito da insurreição. Esta é a arma de todo estudante per “omnia saecula saeculorum”.

Então, seja dito, a única porta que sempre ficou e ficará aberta para nós é a esperança. Este é o destino heróico da juventude. O sacrifício é nosso melhor estímulo; a redenção espiritual das juventudes americanas nossa única recompensa, pois sabemos que nossas verdades são de todo o continente. Se em nossos países uma lei se opõe às nossas aspirações, então, reforme-se a lei, nossa saúde moral o vai exigir.

A juventude vive sempre em transe de heroísmo. É desinteressada, é pura. Não teve tempo ainda de contaminar-se. Não se equivoca nunca na eleição de seus próprios mestres. Ante aos jovens não se faz mérito adulando ou comprando. É preciso deixar que eles mesmos elejam seus professores e diretores e reitores, seguros de que o acerto vai coroar suas determinações. Adiante, só poderão ser professores na república universitária os verdadeiros construtores de almas, os criadores de verdade, de beleza e de bem.

Os acontecimentos da Universidade de Córdoba, com o motivo da eleição para reitor, sirvam de exemplo a todos quantos queiram o exercício da liberdade e da democracia levado a suas casas universitárias, aos seus povos. Eles esclarecem singularmente nossa razão de como apreciar um conflito universitário. Por isso voltamos a contá-los a vós para que tenhais bem presente a inteireza dos fatos e para que não pronuncieis em vão o nome desta reforma, sem conhecê-la em suas reais intenções.

Em junho de 1918 a federação universitária de Córdoba acreditava que devia fazer conhecer ao país e à América as circunstâncias de ordem moral e jurídica que invalidaram o ato eleitoral verificado no dia 15 de junho. Ao confessar os ideais e princípios que moveram a juventude nesta hora única de sua vida, queremos referir os aspectos locais do conflito e levantar bem alta a chama que está queimando o velho reduto da opressão clerical.

Na Universidade Nacional de Córdoba e nesta cidade não foram presenciadas desordens; se contemplou o nascimento de uma verdadeira revolução que rapidamente agrupou sob sua bandeira a todos os homens livres do continente. Relataremos os acontecimentos para que se veja quanta razão tínhamos e quanta vergonha nos tirou a covardia e falsidade dos reacioná-

rios. Os atos de violência, pelos quais nos responsabilizamos integralmente, se cumpriram como no exercício de puras idéias. Derrubamos o que representava o anacrônico e o fizemos para poder levantar o coração sobre essas ruínas. Aquilo representou também a medida de nossa indignação na presença da miséria moral, da simulação e do engano arteiro que pretendia filtrar-se com as aparências da legalidade. O sentido moral estava obscuro nas classes dirigentes por uma hipocrisia tradicional e por uma pavorosa indigência de ideais.

O espetáculo que oferecia a assembléia universitária era repugnante. Grupos de amorais desejosos de captar a boa vontade do futuro reitor exploravam os contornos no primeiro escrutínio, para inclinar-se depois ao bando que parecia assegurar o triunfo, sem lembrar a adesão publicamente empenhada, o compromisso de honra contraído pelos interesses da universidade. Outros - os demais - em nome do sentimento religioso e sob a advocação pelos interesses da Companhia de Jesus exortavam à traição e ao pronunciamento subalterno (Curiosa religião que ensina a menosprezar a nota e rebaixar a personalidade! Religião para vencidos ou para escravos!).

Tinha-se obtido uma reforma liberal mediante o sacrifício heróico de uma juventude. Acreditava-se ter conquistado uma garantia e da garantia

se apoderaram os únicos inimigos da reforma. Na sombra, os jesuítas tinham preparado o triunfo de uma profunda imoralidade. Consentir com isso seria outra traição. À enganação respondemos com a revolução. A maioria representava a soma da repressão, da ignorância e do vício. Então demos a única lição que cabia e espantamos para sempre a ameaça do domínio, à época, clerical.

A sanção moral foi nossa. O direito também. Aqueles que poderiam obter a sanção jurídica, embutida na lei, não o foi permitido. Antes que a iniquidade fosse um ato jurídico, irrevogável e completo, nos apoderamos do salão de atos e expulsamos a canalhada, só então amedrontada. Que isso foi certo, ficou estabelecido no fato de, logo após, a federação universitária ter feito uma sessão no próprio salão de atos e de mil estudantes terem assinado sobre o mesmo púlpito do reitor, a declaração de greve por tempo indeterminado. Vós bem conheceis este procedimento extremo. Tomar os prédios das reitorias tem sido uma bandeira do movimento estudantil, um último apelo quando a razão das instâncias formais de decisão assume posições autoritárias e anti-democráticas.

De fato, naquela data, os estatutos reformados dispunham que a eleição para reitor terminaria em uma só sessão, proclamando-se imediatamente o resultado, com a leitura de cada uma das cédulas

e a aprovação da respectiva ata. Afirmamos, sem temor de ser corrigidos, que as cédulas não foram lidas, que a ata não foi aprovada, que o reitor não foi proclamado, e que, por conseguinte, para a lei, ainda não existia reitor na universidade.

A juventude universitária de Córdoba afirma que jamais fez questão de nomes nem de empregos. Se levantou contra um regime administrativo, contra um método docente, contra um conceito de autoridade. As funções públicas se exercitavam, tal como hoje em pleno século 21, em benefício de determinadas camarilhas. Não se reformavam nem planos nem regulamentos por medo de que alguém nas mudanças pudesse perder o emprego. O lema “hoje para você, amanhã para mim”, corria de boca em boca e assumia a validade de estatuto universitário. Os métodos docentes estavam viciados de um estrito dogmatismo, contribuindo em manter a universidade distante da ciência e das disciplinas modernas. As eleições, encerradas na repetição interminável de velhos textos, amparavam o espírito de rotina e de submissão. Os corpos universitários, zelosos guardiães dos dogmas, tratavam de manter a juventude na clausura, acreditando que a conspiração do silêncio podia ser exercitada contra a da ciência.

Fizemos então uma santa revolução e o regime caiu a nossos golpes.

Acreditamos honradamente que nosso esforço criou algo novo, que a elevação de nossos ideais mereceu tanto respeito que atravessou o século. Assombrados, 90 anos depois olhamos para trás e contemplamos como se coligaram os mais crus reacionários para arrebataram nossa conquista.

Acreditamos honradamente que podemos passar a vocês, homens e mulheres livres do século 21, nossa mensagem: não podemos deixar nossa sorte à tirania de seitas religiosas ou partidárias, ao jogo de interesses egoístas, aos interesses contrários ao bem público universidade, aos interesses contrários e ao livre jogo das regras de vivência democrática.

Recolhamos a lição, companheiros de toda a América!

Talvez os fatos passados tenham tido o sentido de um presságio glorioso, a virtude de um chamado à luta suprema pela liberdade. Naquele momento nos mostrou o verdadeiro caráter da autoridade universitária, tirânica e obcecada, que via em cada petição um prejuízo e em cada pensamento uma semente da rebelião. Hoje nos mostra que é preciso não acomodar-se, manter a vigilância contra toda forma de opressão.

Isto porque, vós bem o sabeis, a universidade é um produto de longo prazo. Ela não foi nem quer ser o fiel reflexo de sociedades desiguais, muito menos um objeto para o desenvolvimen-

to de mídia e mercados. A Universidade que pensamos, no largo prazo da educação, ativa sua chama libertária através do protagonismo estudantil, pela ação de uma juventude engajada e comprometida com valores.

Há 90 anos colocamos um baluarte que atravessou fronteiras. Seja ele visto por vós, homens e mulheres livres do século 21, como uma forma de repúdio a mensagens subliminares, que informam e querem formar um estudante consumidor, um cliente em busca de status, prestígio, ascensão social e méritos individuais do ser competitivo.

Valores, ostentados na mídia circulando velozes na WWW, não se instituem como formas de conscientização política. Como vós bem o sabeis, política é exercício que se adquire na prática, na formação com exposição ao confronto, ao debate, à crítica.

Na formação com exposição à realidade social.

Política pressupõe uma ordem, uma concepção de mundo, uma utopia! E a vossa juventude também vive em transe de heroísmo, tal como a nossa. Não vos deixeis contaminar. Entendemos que aos jovens não se faz mérito adulando ou comprando ou tratando como um cliente, um consumidor a mais, dentre tantos outros. Continuar a eleger professores, diretores, reitores, presidentes com acerto e determinação, com chama no coração, é preciso. Aprender a

aprender, aprender a fazer ciência, aprender a fazer o conhecimento dominando a história de sua construção, aprender a fazer política desde o recinto da universidade elaborando uma consciência social que se possa estender ao longo da vida, é imperativo.

Colegas do século 21! Não esqueçais jamais aquilo que a tão duras penas aprendemos, o, espaço do sujeito protagônico, do cidadão livre, é o da inclusão nas decisões. A juventude não pede. Ela exige que se reconheça o direito de exteriorizar seu pensamento próprio.

A juventude universitária de Córdoba de 1918, por meio de sua federação, saúda os companheiros da América e do mundo todo e os incita a colaborar na obra de liberdade, nas reformas e revoluções que estão a ser sempre reiniciadas!

Intromissão de Denise Leite em texto original de Enrique F. Barros, Horacio Valdés, Ismael C. Bordabehere, presidentes - Gumer-sindo Sayago - Alfredo Castellanos - Luis M. Méndez - Jorge L. Bazante - Ceferino Garzón Maceda - Julio Molina - Carlos Suárez Pinto - Emilio R. Biagosh - Angel J. Nigro - Natalio J. Saibene - Antonio Medina Allende - Ernesto Garzón.

Porto Alegre, Outono de 2008, no dia 03 do mês de Maio, ano 90 pós-reforma de Córdoba.